

VI EDIÇÃO
Concurso
Literário
2025

TEMA
VIAGEM





[FICHA TÉCNICA]

VIAGEM – Concurso Literário

Copyright©2025 por Câmara Municipal de Palmela

Todos os direitos reservados

@desta edição 2025,
Câmara Municipal de Palmela
Largo do Município
2954-001 Palmela
geral@cm-palmela.pt

INCLUI TEXTOS DE : **Filipa Ribeiro, Henrique Paranhos, Jeremias Alberto Oliveira, Madalena Celestina Oliveira, Margarida Caetano, Maria Rita Vieira Leonardo, Rodrigo Monchique da Silva, Sara Candeias, Sónia Veiga Rossa, Vanessa Sardinha.**

DESIGN GRÁFICO E PAGINAÇÃO: Joana de Oliveira, Olga Vieira

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Espírito de Papel

ISBN: 978-972-8497-96-5

DEPÓSITO LEGAL:

1ª edição: novembro 2025

100 exemplares

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, eletrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

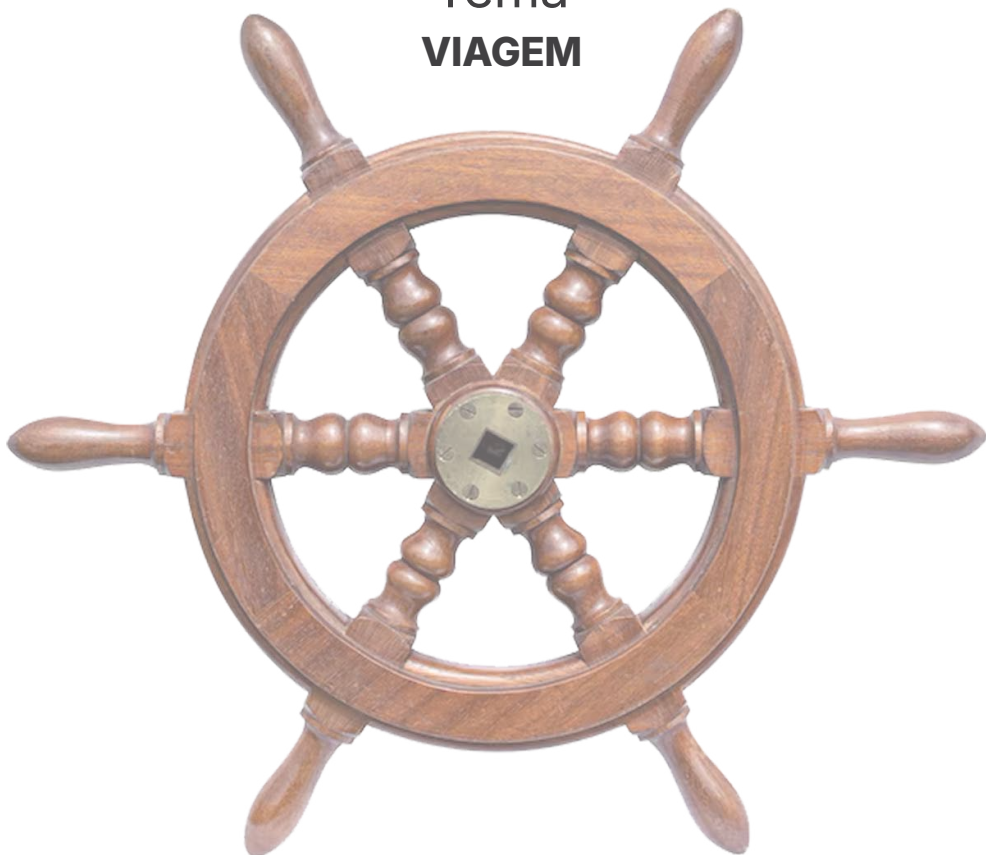
J
E
Q

O
W
S



VI EDIÇÃO DO CONCURSO LITERÁRIO

Tema
VIAGEM



Palmela
2025

O

Concurso Literário da Rede de Bibliotecas Públicas do Município de Palmela, nesta sua 6ª edição, ao evocar a celebração dos 500 anos de nascimento de Luis Vaz de Camões, sistematizou na palavra «Viagem», aquilo que a escrita e a leitura nos permitem fazer, mesmo não saindo fisicamente do mesmo lugar. O ato de ler e de escrever transporta-nos no tempo, no espaço, nas vivências, nas relações, permite-nos o encontro com novos mundos, muitas vezes completamente díspares daquele que conhecemos. Nós, leitores/as, somos convidados/as a desmaterializar-nos e a percorrer, junto com personagens que, num ápice, se tornam quase parte de nós, alegrias, tristezas, dúvidas, vitórias. Desenvolvemos a empatia e a criatividade, entre um conjunto vasto e rico de outros benefícios.

E este é um dos objetivos que nos leva a lançar, anualmente, este Concurso. Criar espaço para que escritores/as e fazedores de escrita tenham a possibilidade de desenvolver as suas competências nesta área, levando-nos consigo, nessa viagem.

Nesta edição estão reunidos os contos vencedores de cada escalão, de quase uma centena de textos que estiveram a concurso em 2025. A sua publicação amplia o acesso à cultura, quer para os/as autores/as aqui presentes, quer para os/as leitores/as que têm contacto com novos talentos, muitas vezes de pessoas com quem nos cruzamos no dia a dia.

Este Concurso é, pois, um incentivo à Cultura e à Participação.

Venha connosco nesta viagem!

A Presidente da Câmara Municipal de Palmela



Ana Teresa Vicente

LISTA DE PREMIADOS DA VI EDIÇÃO DO CONCURSO LITERÁRIO

1.º ESCALÃO (dos 6 aos 11 anos)

- 1.º LUGAR "A incrível viagem no tempo" 9
Maria Rita Vieira Leonardo
- 2.º LUGAR "Viajar na história" 13
Jeremias Alberto Oliveira
- 3.º LUGAR "Viagem de emoções" 17
Madalena Celestina Oliveira

2.º ESCALÃO (dos 12 aos 17 anos)

- 1.º LUGAR "Hermes" 23
Margarida Caetano
- 2.º LUGAR "A Viagem" 29
Rodrigo Monchique da Silva
- 3.º LUGAR "Para onde a estrada me levar" 35
Sara Candeias
- Menção Honrosa "A viagem" 41
Filipa Ribeiro

3.º ESCALÃO (maiores de 18 anos)

- 1.º LUGAR "Ponto de rebuçado" 49
Sónia Veiga Rossa
- 2.º LUGAR "Depois daquela viagem" 55
Vanessa Sardinha
- 3.º LUGAR "Em trânsito" 61
Henrique Paranhos



1.º ESCALÃO

(dos 6 aos 11 anos)





1.º lugar

Maria Rita Vieira Leonardo

A INCRÍVEL VIAGEM NO TEMPO

Vamos lá. Estava eu a ser gozada por usar óculos, aparelho e saber muitos factos interessantes sobre dinossauros e coisas do género, quando, de repente, me vem a melhor ideia de sempre à cabeça. Esperei que as aulas acabassem, muito entusiasmada como nunca antes e fui para casa. Cheguei, larguei a mochila e corri para o quarto. Abri o meu diário e comecei a escrever: *Querido diário, hoje, na escola, não aprendi quase nada, (o que é estranho, porque normalmente chego a casa a fazer contas de matemática e a decorar com facilidade as fórmulas de físico-química), mas, tudo, por uma boa razão. Sinceramente, acho que tive a melhor ideia de toda a minha vida! Vou construir uma máquina do tempo e, assim, mais ninguém vai gozar comigo. Vou fazer História e ganhar um grande prémio.*

E pus mãos à obra. Eram dias inteiros, sempre que podia, sempre que vinha da escola. Tentei várias vezes, mas nunca corria bem como eu queria. Havia sempre alguma coisa mal. Fosse o formato ou a cor. Mas, eu tinha as minhas ideias. Até que um dia, passado dois meses sem desistir, fiquei feliz com o resultado daquela tentativa. Estava perfeito! As cores, o formato, as peças, tudo como eu queria. Os meus pais não gostaram muito da ideia, mas, como viram que eu estava bastante motivada, não se queixaram muito. Fui tentando, mas não consegui abrir nenhum portal. Estava triste. Voltei a tentar. E outra vez, e ainda outra, até que, finalmente, percebi qual era o problema: a peça que ligava todos os cabos que faziam abrir um portal estava mal enfiada! Tentei outra vez e, sem esperar, consegui abrir o meu primeiro portal! Fiquei tão feliz! Gritei, gritei e gritei, até ficar sem voz! Mas gritos de

alegria, claro! Acho mesmo que se ouviu na China! Ou, talvez, esteja a exagerar um bocadinho... Pronto, talvez em Espanha, num sítio mais perto.

Continuando, foram bastantes horas até conseguir perceber em que época o portal tinha aberto. Tinha medo, mas lá fiz atravessar a minha cabeça para ver melhor. Corri até à minha secretária e peguei no meu livro de história. Procurei o capítulo que falava sobre a evolução do planeta, e, aí, consegui procurar características da imagem que os meus olhos observaram quando espreitei pelo portal. Com o que observei no livro e no portal, comparando os dois, percebi que o portal estava aberto na ÉPOCA DOS DINOSSAUROS! Nem consegui acreditar. Lá voltei a enfiar a cabeça, para perceber se era mesmo verdade. Mas, talvez tenha exagerado um bocadinho no que toca à cabeça, porque, de repente, o meu corpo é sugado para dentro do portal. Tentei impedir mas ele fechou-se. Entrei em pânico. Tinha medo. Estava muito assustada. Poderia nunca mais voltar a casa.

E a minha mãe? E o meu pai? E os meus professores? O que seria de mim? Repentinamente, o chão começou a tremer como eu nunca tinha sentido. Os dinossauros começaram a correr, tal como eu. Escondi-me no primeiro lugar que vi à frente, mas, enquanto me escondo tudo pára de tremer, os dinossauros acalmam-se e eu levanto-me. Fechei os olhos de alívio.

Um pequeno dinossauro aproxima-se. Eu sabia que ele era herbívoro, mas decidi esconder-me à mesma. Eu estava atrás de uma rocha. Não sei porquê, mas achava mesmo que estava bem escondida. De repente, a rocha é elevada do chão. Depois, ouvi um estrondo e percebi que o pequeno dinossauro tinha agarrado a rocha com a boca e a tinha largado no chão. Bem, ele era um pequeno dinossauro para um tiranossauro rex, mas, para um humano era mais ou menos A MAIOR COISA QUE UM HUMANO ALGUMA VEZ VIRA. Ele devia ter

uns cinco metros de altura. Interagiu comigo e percebi que era uma fêmea. Baixou-se como se me estivesse a pedir para a montar. Foi o que fiz. E ela começou a correr a uma velocidade excepcional. Levou-me para um sítio que tinha um lindo pôr do sol. Eu agradeci e fiz-lhe umas festas. Fechei os olhos para levar com o vento na cara.

Quando volto a abrir os olhos, dou por mim rodeada de homens das cavernas. Pisquei os olhos para ver se estava a sonhar. Na primeira vez, não estava a sonhar. Pisquei outra vez e, de repente, estava numa linda praia. Sozinha. Havia água de coco e eu vestia um lindo fato de banho. Pus-me a pensar. Pisquei os olhos duas vezes e pensei que talvez tivesse mudado de sítio. Decidi então piscar duas vezes e... lá se foi a praia! Agora, estava na asa de um avião prestes a levantar voo. Rapidamente, pisquei os olhos duas vezes e, dou por mim, outra vez, numa praia. Só que esta estava cheia de gente. E cheia de barulho! Que coisa insuportável! Voltei a piscar duas vezes os olhos e desta vez estava a saltar de paraquedas. O problema é que, quando pisquei duas vezes os olhos, não saí do mesmo sítio. Então comecei a ficar preocupada e a piscar desalmadamente os olhos. Estava quase a chegar ao solo. Ninguém me tinha explicado como é que se puxava um paraquedas, por isso bati com muita força no chão. Acordei passado algum tempo, sentia-me tonta e percebi que estava a sangrar da cabeça. Levantei-me, e tive que andar quilómetros até chegar a um lago. Esqueci-me de testar outra vez o piscar de olhos. Quando me lembrei, já estava quase a adormecer debaixo de uma grande árvore. Levantei-me num salto e pisquei duas vezes os olhos. Dou por mim, outra vez, a cair no salto com o paraquedas. Voltei a piscar e fui parar outra vez à praia barulhenta. E, pisquei, mais uma vez. Então, de repente, estava na asa do avião a levantar voo. Tentei outra vez e fui parar à praia calma e bonita. Percebi que agora estava a andar para

trás nas minhas viagens.

Continuei a piscar e fui parar ao sítio onde os homens das cavernas me rodeavam e, quando olho para o lado, vejo a linda fêmea de dinossauro a olhar para o pôr do sol sozinha. Quando me viu ficou tão feliz! Agarrou em mim e correu, correu muito. Enquanto ela corria, eu pensava que se voltasse a piscar os olhos mais duas vezes voltaria para casa. Pedi para ela parar de correr, que me olhasse nos olhos e ouvisse o que eu lhe ía dizer. Expliquei-lhe que tinha de voltar pois os meus pais deviam estar muito preocupados. Perguntei-lhe se tinha percebido e ela acenou e agarrou-me como se me quisesse dar um abraço. Eu retribui com o mesmo gesto. Pisquei duas vezes os olhos e lá estava eu. No meu quarto. E, foi assim, que desci as escadas e te vi a chorar mãe.

- Uau, filha. Que grande aventura! Sinceramente, já devia estar à espera, já que construístes uma máquina do tempo. Mas, agora, a tua máquina vai para o lixo. Não suporto passar uma semana sem ti.

- Eu também não, mãe, eu também não.

2.º lugar

Jeremias Alberto Oliveira

VIAJAR NA HISTÓRIA

Era uma vez um rapaz chamado Miguel, que vivia num tempo e num lugar diferente do nosso. O Miguel era um grande amigo dum feiticeiro chamado Opaque. Ultimamente, o Miguel estava sempre a ouvir pessoas a falarem sobre um homem, Luís Vaz de Camões, parecia que estava a fazer 500 anos do seu nascimento.

Um dia, Miguel decidiu ir perguntar ao Opaque quem era Luís Vaz de Camões e o que ele tinha feito de importante na história. Para chegar a casa do Opaque, Miguel tinha de entrar num poço. Para descer usava a corda que estava presa ao poço. A meio da descida o Miguel parou e gritou:

- Opaque! – Ao som da sua voz as pedras do poço começaram a sair do lugar e apareceu o rosto de Opaque.

- Espera aí Miguel – disse o Opaque – e com uma palavra mágica abriu a passagem secreta para sua casa.

O Miguel estava finalmente em casa de Opaque. O feiticeiro estava muito ansioso para mostrar uma surpresa ao Miguel e por isso estava muito feliz por ele estar ali. Ele levou o Miguel por uma porta estreita e tapou-lhe os olhos para que não visse nada antes de tempo.

- Não abras os olhos até eu dizer! Estou só a dar os toques finais.

O Miguel ouvia a varinha mágica de Opaque a trabalhar.

- Já podes abrir os olhos Miguel! – disse Opaque muito entusiasmado. Quando Miguel abriu os olhos conseguiu ver uma maravilhosa engenhoca.

- O que é isto? – perguntou o Miguel surpreendido.

- É uma máquina do tempo!!! – respondeu Opaque.

- Uma máquina do tempo? Para quê?

- Ora, para viajar no tempo!! Ouvi dizer que estás interessado na vida de Luís de Camões, não é verdade? Esta máquina do tempo é especial! Só nos deixa observar o passado, não podemos interagir com ele. Por isso vamos observar Luís de Camões!

- Fixe! - disse o Miguel. – Vamos a isso!

Os dois entraram na máquina do tempo que, sugando-os, levou-os para o passado a alta velocidade. O Miguel sentia vento no seu cabelo e sentia o cheiro a mar. No entanto não sentia terra firme.

- Onde estamos Opaque? – perguntou o Miguel

- Estamos na Nau da Carreira das Índias, onde o Luís de Camões está a caminho de Portugal.

- E onde está ele?

- Está ali em baixo, a conversar com outros soldados. É o que tem a pala no olho. Perdeu-o numa batalha no Oriente.

- De que falam eles?

- Não sei, vamos aproximar-nos. – disse o Opaque

Quando chegaram perto de Luís Vaz de Camões conseguiram perceber o que ele dizia. Falava da coragem da história de Portugal e do grande poema que estava a escrever sobre isso.

- Ah! Ele era um poeta ou um soldado? – perguntou o Miguel

- Bem, foi soldado e poeta. Teve muitas desventuras e acabou atirado para as Índias. Mas isso não o impediu de ser o maior poeta da história de Portugal.

- É impressão minha ou está a começar a chover? – diz Luís Vaz de Camões para os companheiros.

Um grande estrondo é sentido. Tinha começado a trovejar e a chover fortemente. O barco começa a abanar e as velas a agitarem-se com

muita força. Os marinheiros faziam um esforço enorme para manter o barco estável, mas estava a tornar-se impossível. Havia gritos de horror, por todo o lado alguém gritava: Vamos afundar!

- O Luís de Camões vai morrer, Opaque? E o poema?

- Não, nem Luís de Camões nem o seu poema vão desaparecer. – disse Opaque, enquanto observava toda a cena que acontecia ali entre eles. O barco começou a ir ao fundo, mas no meio de toda a confusão conseguiram ver Luís de Camões a certificar-se que o seu poema estava seguro. Agarrou-se a um barril e levantou o braço o mais que conseguiu à espera de sentir a água do mar.

- Está na altura de irmos embora, Miguel?

- Ainda não...deixa-me só ver o que vai fazer Luís de Camões.

Luís de Camões não esperou mais que o barco se desfizesse por completo e atirou o barril ao mar. Saltou e agarrou-se a ele o melhor que pode. Como estava muito perto da costa conseguiu nadar até chegar a terra firme.

- Agora já podemos ir embora Opaque...mas, como é que voltamos?

- Nunca saímos da máquina. A máquina está invisível, como nós. Regressemos ao futuro!

A máquina sugou-os com ainda mais força e velocidade do que da primeira vez e levou-os de volta para casa do Opaque. Era quase como se a máquina criasse um caminho entre uma época e outra.

- Uau! Que viagem! – disse o Miguel – Opaque, o poema que Luís de Camões escreveu chegou até nós?

- Sim, chegou! É considerada a maior epopeia da literatura portuguesa.

- O que é uma epopeia? – perguntou o Miguel

- Uma epopeia é um tipo de poema longo, que conta feitos grandiosos e heroicos de um povo ou de um herói, geralmente ligados à história ou à identidade de uma nação.

- E o de Luís de Camões é sobre que herói?
- É sobre os Portugueses e sobre Portugal!
- E qual é o título dessa epopeia?
- "Lusíadas"! Vou ler-te uma parte do poema...

"As armas e os barões assinalados,
Que da ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram."

- Obrigado, Opaque! Foi muito divertido conhecer Luís de Camões. Quem é que vamos conhecer na nossa próxima aventura?

3.º lugar

Madalena Celestina Oliveira

VIAGEM DE EMOÇÕES

Estranho.

Era a única palavra que Rafael conseguia usar para descrever o que tinha acabado de compor. O que é que lhe tinha passado pela cabeça? Nunca seria tão bom como Camões! Muito menos com música. Para um rapaz órfão de 18 anos que vivia sozinho com a avó, não lhe parecia possível realizar o seu sonho. Rafael amachucou a folha e atirou-a para o monte de muitas outras folhas estragadas. Bocage, o gato preto de Rafael, miou e atacou a bola de papel.

- Bocage! – resmungou Rafael abrindo o seu livro onde todos os poemas, sonetos e canções de Luís Vaz de Camões estavam.

Leu um ou dois, voltou a observar as folhas que tinha amarrotado e, foi então, que uma ideia lhe trespassou a mente.

- Sim! - disse - Já sei!

Da primeira vez que Rafael lera um poema de Luís Vaz de Camões, sentira mil sentimentos de uma vez, uma alegria incalculável. Desde aí que ele queria partilhar essa viagem de emoções com as pessoas.

Lembrou-se de compor músicas para os poemas e sonetos escritos por Luís de Camões e cantá-los para as pessoas, realizando assim o seu sonho de levar felicidade pelo mundo.

Depois de algumas semanas a trabalhar, Rafael conseguiu finalmente dinheiro para a passagem e estadia no seu primeiro destino. Ia entrar no ferry que partiria para os Açores no dia seguinte.

Naquela noite, Rafael fez as suas malas e, depois do jantar, deitou-se na sua cama.

Pela última vez.

Antes de adormecer, Rafael pensou em tudo o que iria deixar para trás:

a avó, o Bocage, a sua casa, tudo e todos os que amava.

Em que é que se tinha ido meter?

Na manhã seguinte, Rafael foi com a avó e com o Bocage (que tinha insistido teimosamente para ir) até ao porto na foz do rio Arade, onde estava o ferry em que Rafael iria embarcar.

-Adeus, Bocage. - disse Rafael - Adeus avó, prometo que te venho visitar e que mando postais.

-ATENÇÃO SENHORES PASSAGEIROS COM DESTINO AO FUNCHAL: ESTE É O ÚLTIMO AVISO. AS PORTAS IRÃO ENCERRAR DENTRO DE MOMENTOS...

Ao ouvir o último aviso, Rafael despediu-se, uma última vez, da avó e de Bocage e subiu a bordo.

O destino de Rafael estava traçado por uma linha no mar.

Quando chegou ao Funchal, depois de deixar as suas coisas na pensão onde ia ficar, Rafael dirigiu-se ao primeiro sítio onde queria tocar: um orfanato. Um sítio onde teria crescido se não fosse a avó e onde a esperança é pequena. Mal lá chegou, muitas crianças rodearam-no, curiosas com os olhos iluminados por um brilho mágico. No entanto, a atenção de Rafael fixou-se numa menina que estava no vão das escadas. Ela era pequena e tinha a cabeça entre as pernas. Vestia um macacão gasto e não tinha o mesmo brilho nos olhos que as outras crianças tinham.

Rafael sentou-se no tapete persa decorado com elefantes e girafas e rapidamente ficou rodeado por todas as crianças.

Menos por uma.

A menina do vão das escadas mantinha-se quieta. Nem sequer olhou para Rafael. Ele retirou do saco a guitarra, abriu o livro que tinha todas as suas pautas de músicas com as letras da obra de Camões e que ele planeava tocar.

Rafael começou então a tocar uma melodia enquanto cantava um soneto de Luís Vaz de Camões. Depois de cantar algumas canções,

Rafael parou um instante ao ver que a menina do vão das escadas se tinha aproximado, mas que continuava sem o brilho mágico nos olhos azuis. Mal ela lhe fez sinal para que continuasse, Rafael terminou numa voz doce e suave o último bonito soneto.

"...mas como causar pode a seu favor

Nos corações humanos amizade,

Se tão contrário a si é o mesmo amor?"

Quando terminou, Rafael observou (um pouco surpreso), que a menina chorava e ria ao mesmo tempo. Uma viagem de emoções!

- Sou o Rafael - disse ele - Porque é que estás assim? Quer dizer - corrigiu ele rapidamente - porque é que estavas no vão das escadas com um ar tão triste?

- Eu sou a Elvira - soluçou a menina - fiquei sem os meus pais.

- Eu também Elvira - disse ele - mas sabes, mesmo no meio da tristeza e do medo, existe alegria e amizade. Agora, só tens de as encontrar.

Elvira sorriu. E um brilho mágico começou a formar-se no seu olhar.



2.º ESCALÃO

(dos 12 aos 17 anos)





1.º lugar

Margarida Caetano

HERMES

Numa terra distante, um bebé nasceu. Deram-lhe o nome Hermes. Sim, nomearam-no em homenagem ao deus grego dos viajantes, pois o menino tornar-se-ia o viajante que o seu pai um dia desejou ser.

Hermes gostava do mito que originou o seu nome. Hermes era o deus grego do comércio, da riqueza, da sorte, dos ladrões e da viagem. O menino cresceu e, com o passar do tempo, o pai percebeu que o amor por viajar não era a característica divina que o seu filho havia herdado como esperava, mas sim a extrema sorte e a habilidade de ir à cozinha roubar alguns doces sem ser detetado.

Num dia fatídico o pai adoeceu e o tempo apenas trazia mais cansaço e mais dor. Percebeu que o seu tempo estava limitado e o seu último desejo seria que o seu filho viajasse pelo mundo e voltasse com um diário onde escreveria os detalhes das suas aventuras. Hermes amava o seu pai mais do que tudo e, mesmo um pouco reticente, concordou rapidamente.

– Volto daqui a algumas semanas, aguenta até eu voltar. – sussurrou Hermes antes de dar um beijo na testa do pai e sair do quarto.

Hermes nunca tinha viajado e não fazia ideia de como se velejava um barco, então, pediu ao marinheiro mais confiável do reino para o acompanhar. Eles começaram a jornada ao amanhecer do dia seguinte e navegaram sem rota definida em direção ao sol escaldante e ao azul infinito.

– Então, para onde devemos ir primeiro? – perguntou o marinheiro.

– Para onde o vento nos levar, acho eu. – disse Hermes com incerteza.

– Não tenho nenhum plano.

– Sabes, eu viajei muito durante a minha vida. E acho que fazê-lo sem um plano é o que torna viajar tão especial – começou o marinheiro. – Ser surpreendido, perder-mo-nos em lugares que não conhecemos e ouvir pessoas a falar línguas que não conseguimos entender completamente. Eu digo que devemos ir para o primeiro lugar que encontrarmos e explorarmos.

– Que seja então.

Avistaram terra algumas horas depois. Uma grande cidade ergueu-se em frente dos seus olhos. Hermes ficou fascinado, nunca tinha visto nada igual. A doca era enorme e vários barcos já se encontravam atracados. Avistou vários pescadores e homens a pintarem canoas. O marinheiro arranhou lugar para atracar o barco e ao pisar terra firme foram imediatamente envolvidos por locais.

– Sejam bem vindos! – um homem grisalho grita mais alto do que o necessário. – Seja o que for que procuram, nós temos.

Hermes e o marinheiro foram guiados pelo estranho homem ao longo da doca. Ao longe, Hermes conseguiu ver o que lhe parecia ser um mercado e, após verificar o dinheiro que trazia consigo, decidiu dirigir-se para lá.

Todo o espaço estava animado, um homem tocava uma guitarra desafinada enquanto uma gaivota que trazia ao ombro chamava a atenção dos transeuntes. Mulheres e crianças dançavam animadas à sua volta ou sentavam-se no chão a comer peças de fruta fresca.

Hermes não conseguiu conter o seu sorriso e após comprar uma laranja sentou-se ao lado de umas crianças que brincavam com umas figuras de madeira.

Hermes deambulou pela zona durante todo o dia e até encontrou um homem que lhe emprestou pincéis para pintar a sua própria canoa. Hermes, apesar de não ter muito jeito para pintar, ficou satisfeito com o seu trabalho.

No final do dia, de volta ao navio, Hermes sentou-se na proa, de frente para as estrelas, com um diário e uma caneta de ponta fina nas mãos. Respirou fundo e começou a escrever.

“Querido pai, hoje aprendi duas coisas. Primeiro, aprendi a velejar, o que foi incrível. E segundo, aprendi que viajar é muito mais do que eu imaginava. Se eu soubesse que poderia sentir-me assim, já teria entrado num navio há muito tempo. Descobri um novo sentimento dentro de mim que nunca pensei que estivesse perdido. Acho que é a liberdade.”

No dia seguinte, Hermes e o marinheiro abandonaram a doca e algumas horas depois encontraram uma vila onde todos pareciam amar o oceano. Adoravam pescar, construíam tudo com a madeira das árvores e tudo era tão tranquilo. Bebiam água de coco e comiam peixe assado e marisco em todas as refeições. Hermes provou um prato local chamado Mushia de Atum e tornou-se a sua comida favorita. Hermes perguntou-se como é que não sabia que tudo aquilo existia.

Então, naquela noite, sentado em frente a uma fogueira, Hermes decidiu conversar com o marinheiro.

– Viaja muito, não é? – perguntou Hermes.

– Sim – respondeu o marinheiro. – É o que faz a minha vida valer a pena.

– Mas por quê? Eu não entendo.

– Viajar é, acima de tudo, encontrarmo-nos a nós mesmos em lugares onde nunca estivemos – disse o marinheiro. – É perceber que faltava uma parte do nosso coração e finalmente encontrá-la.

“Querido pai, hoje atracamos no porto de uma ilha onde todos parecem viver do mar. Eles foram muito simpáticos e ensinaram-nos a pescar e a fazer uma fogueira. Apanhei algumas conchas e cocos para levar para casa. Isto aqui é lindo. Comemos em frente a uma fogueira na praia e aprendemos algumas histórias culturais e factos sobre a vida

marinha. Sabia que os golfinhos dormem com um olho aberto e que as primeiras espécies de caranguejos existem há mais de 100 milhões de anos? Fiquei chocado. Eu gosto muito disto aqui, acho que vamos ficar mais um dia. Percebi finalmente que andei perdido e ainda não descobri onde o meu coração pertence. Talvez eu encontre esse lugar em breve."

Hermes acabou por decidir ficar na ilha mais de três dias. Quando partiram, ele começou imediatamente a sentir saudades. Essa tristeza, no entanto, não durou muito tempo. No dia seguinte encontraram um novo lugar.

– Bem-vindos à Terra Dourada. – disse uma senhora, usava um vestido florido e um avental – Bem-vindos ao paraíso na Terra.

Ela não estava a mentir quando disse que aquele sítio era o paraíso na terra. A meteorologia era perfeita, nem muito calor nem muito frio, o cantar dos pássaros ouvia-se onde quer que se estivesse e tanto a comida como as paisagens eram divinas.

"Olá, pai, hoje encontramos um lugar chamado Terra Dourada, chama-se assim porque tem campos de trigo que parecem dourados com os raios do sol da manhã. Conheci uma senhora hoje, e ela disse: "Daqui a alguns anos, sentirás a necessidade de te desculparem pelas coisas que fizeste, mas, acima de tudo, pelas coisas que não fizeste." Agora sinto que devo pedir-te desculpas. Talvez se eu te tivesse ouvido antes, tu passarias os teus últimos dias mais feliz. Talvez pudéssemos ter viajado juntos. Eu amo-te, pai."

Antes de abandonarem a Terra Dourada, Hermes caminhou por entre as espigas de trigo, gostando do toque na sua pele. A luz do sol bateu no seu rosto e deixou-se afogar no mar dourado sentindo-se mais vivo do que nunca.

Navegaram durante mais uma semana e Hermes sentiu-se mais velho, e ainda assim mais vivo do que nunca, pareciam ter passado meses

desde que embarcou pela primeira vez em busca do desconhecido. Hermes sentiu como se tivesse vivido mais nas últimas três semanas do que em todos os seus anos de vida.

– É estranho voltar para casa, não é? – disse o marinheiro ao ver o olhar pensativo de Hermes, que observava o pôr do sol refletido na água.

– Acho que a minha casa está em todo o lugar. – sussurrou Hermes. Hermes pegou no seu diário e sentou-se perto do leme para que o marinheiro pudesse ouvir o que iria escrever.

“Agora que esta viagem está a chegar ao fim, sinto a necessidade de me desvendar. Apaixonei-me pelo mundo, confiei em estranhos e encontrei paz no desconhecido. Finalmente encontrei-me. Encontrei-me nos campos de ouro, nas águas cristalinas e nas fogueiras à meia-noite. Encontrei uma casa em mil lugares e tenho orgulho de dizer que deixei um pedaço de mim por toda a parte. Percebi que casa pode ser vários lugares e até mesmo uma pessoa. Sinto que a minha casa é onde meus amigos estão. Onde tu e a mãe estão. Onde quer que eu tenha estado.”

Antes de fechar o livro, Hermes escreveu algo na última página, algo que apenas alguém muito atento conseguiria encontrar.

“Agora, um conselho para todos os que vierem a ler este diário: Viagem o máximo que puderem. Percam o controlo, rebelem-se contra a estagnação. A vida não foi feita para ser vivida em apenas um só lugar.”



2.º lugar

Rodrigo Monchique da Silva

A VIAGEM

Quando o sol descia manso sobre as ondas do Tejo, dourando as águas como se nelas beijasse o ouro dos sonhos, embarcou Diogo, rapaz de poucas posses mas vasto de ânimo, rumo às Índias de si mesmo. Não levava na algibeira senão um lenço da mãe, uma página de Camões dobrada ao peito e a esperança que, como âncora, não estava presa ao mar e ele também não estava. Encontrar-se-ia à deriva nos mares da paixão.

Deixou Lisboa entre aromas de cravo e saudade, num navio de velas brancas como promessas. Ia procurar fortuna, dizia. Mas, no fundo, procurava-se a si como tantos que cruzaram mares por não saberem habitar a terra firme do coração.

Nas noites altas, quando o leme cortava o mar, Diogo lia “Os Lusíadas” à luz da lua, e sentia-se parte daquela linhagem de errantes, homens que, tendo pouco, ousaram tudo. Sentia Camões não como passado, mas como presságio. Não o via como sombra, mas como chama.

Foi no estreito de Moçambique, sob uma tempestade cruel que parecia ter sido convocada pelos próprios deuses, que o navio gemeu como uma fera ferida. As ondas — como monstros da Ilíada lusa — quebravam contra o casco, e os gritos dos homens mesclavam-se aos salmos desesperados. Diogo, com a página da épica epopeia no bolso molhado, rezou não por salvação, mas por coragem, por glória.

- Se o mundo é vasto, maior é a alma que o enfrenta - Ao dizê-lo, atirou-se ao mar, aceitando o seu destino.

Acordou num areal branco, ao pé de um tronco partido fez remo, e de um sonho naufragado fez pátria. Por dias caminhou, ouvindo no vento não a voz do medo, mas o canto antigo da língua que levava na boca. Era Camões a guiá-lo, não com mapa, mas com verso. Não com bússola, mas com rima.

Encontrou uma aldeia onde a língua era estranha, mas os olhos compreendiam ternura. Ali ficou, e ensinou o nome das estrelas, os fados de Lisboa, e como dizer "saudade" sem partir nenhum coração. Era estrangeiro, mas tornou-se lenda. Contavam que viera do mar como filho das ondas, com palavras que curavam e histórias que faziam florir os olhos dos velhos.

Anos depois, quando já a barba lhe caía em fios de prata e o corpo era mais memória que músculo, escreveu ele próprio, numa folha de palmeira:

"Aqui jaz um homem que navegou em si mesmo.

A pátria que encontrou foi feita de vozes,

e o mar que venceu foi o de dentro.

Não trouxe ouro nem glória,

mas trouxe o nome de Camões ao futuro,

feito bússola e chama."

E quando morreu, foi enterrado junto ao mar, com a página encharcada de Camões sobre o peito — ainda intacta. E dizem os pescadores que, nas noites de bruma, se ouve uma voz vociferar em bom português antigo, como quem ainda viaja, ainda sonha, ainda canta, ainda sente

a lusitana maresia.

Conta-se que, certa vez, um rapaz vindo do norte, de nome Tomé, perdido em rota e em alma, aportou naquela costa onde repousava Diogo. A canoa que o trouxera fora um bote de fuga, mais de si do que do mundo. Trazia olhos de sede e mãos de silêncio. Os aldeões, com a memória ainda fresca do homem das palavras, acolheram-no com a mesma ternura com que se colhe um naufrago do tempo.

Foi então que Tomé, guiado por uma velha que falava pouco mas sabia muito, encontrou o túmulo simples junto à enseada. Havia sobre a pedra conchas dispostas em círculos e, no centro, uma flor seca adornada por um fio de palmeira. O jovem, sem saber porquê, ajoelhou-se. Sentiu, naquele instante, um peso doce cair-lhe sobre os ombros, como se a própria alma de Diogo, feita brisa, lhe tomasse a mão e lhe segredasse o rumo.

Naquela mesma noite, ao som do mar e sob a luz da lua tingida de prata, Tomé teve um sonho. Nele, Diogo caminhava sobre as águas, com um manto de estrelas aos ombros e um bastão feito de coral. Falava numa língua que era portuguesa e mais que portuguesa: era a língua das marés, dos ventos e dos versos. Disse-lhe:

- Tomé, o mar não é fim. É espelho. Quando o olhares, vê-te. Quando nele caíres, levanta-te em verso.

E ao acordar, com os olhos ainda enevoados de sal, o jovem compreendeu que a sua viagem apenas começava. Partiu da aldeia sem mapa, mas com um destino: seguir as pegadas deixadas nas ondas — aquelas que não se veem, mas se sentem.

Durante anos, vagou por terras e enseadas, levando consigo a história do homem que naufragara em si mesmo e emergira em poesia. Recontava-a junto a fogueiras, em tavernas, sob figueiras antigas e no meio de desertos. Tornou-se ele também um semeador de palavras.

Chamavam-no “Filho do Navegante”.

E, assim, multiplicou-se a lenda de Diogo. Já não era só aquele que partira de Lisboa com um lenço, uma página e esperança. Tornar-se-ia peregrino, epígrafe viva nos corações que ainda ousam embarcar — não em caravelas, mas em si mesmos.

Dizem que um dia, num porto esquecido da costa africana, uma menina recitou, sem jamais ter lido: “Aqui jaz um homem que navegou em si mesmo. A pátria que encontrou foi feita de vozes e o mar que venceu foi o de dentro...”

E os velhos, com olhos marejados de tempo, olharam para o céu e juraram ver, entre nuvens na forma de uma vela, a silhueta de Diogo sorrindo. Pois quem parte sem medo, quem enfrenta a tormenta com o ardiloso peito, jamais se perde — transforma-se em constelação.

Deste modo segue o nome do lusitano errante, cantado por quem não teme as profundezas do ser. Pois Camões acendeu a chama, Diogo levou-a para dentro, e os que vierem depois serão faróis. E todo aquele que ousar navegar no mar de dentro ouvirá, no silêncio do vento, um verso antigo a sussurrar: “Navegar é preciso. Viver... é coragem.”

Passaram-se gerações, e nas escolas de terra vermelha onde a sombra dos baobás protege os bancos gastos, há ainda mestres que contam a lenda do homem que chegou do mar com a alma acesa em poesia. Chamam-no o que trouxe estrelas na fala. E entre os jovens, quando a noite se deita sobre a aldeia e o céu se enche de promessas, há quem sonhe em partir. Não para conquistar, mas para compreender.

E nesse partir sem partida vive ainda Diogo, o de mãos vazias e coração imenso. Vive em cada olhar que procura mais do que vê, em cada silêncio que escuta mais do que diz. Vive nos pés que pisam chão estrangeiro como se cada grão de terra pudesse conter a pátria. Num mosteiro oculto por trepadeiras, num manuscrito antigo esquecido

entre salmos, foi um dia encontrado o seguinte excerto, escrito com uma caligrafia honrosa:

"Vagueei sem norte, amei sem regresso,
morri em cada porto onde me encontrei.
Fui menos homem do que vento,
menos corpo do que caminho.
Se não deixei filhos, deixei rimas.
Se não plantei árvores, plantei saudade.
Se não fundei cidades, fundei memória.
O meu império não teve trono,
mas teve mar.
E nele fui rei sem coroa,
poeta sem papel,
navegante sem vela,
homem feito de viagem."

E assim finda esta história, não como fim, mas como partida.
Pois há histórias que não se encerram — continuam no sangue dos que ouvem.
Há nomes que não morrem — vagueiam no sopro dos ventos antigos.
E há homens que, mesmo enterrados junto ao mar, tornam-se eternos porque ousaram viver... em viagem.



3.º lugar

Sara Candeias

PARA ONDE A ESTRADA ME LEVAR

Já devo ter percorrido cerca de cem quilómetros, quando o ponteiro da gasolina começa a indicar que está na hora de reabastecer.

Está também na hora de encontrar um lugar onde possa estacionar e passar a noite, porque estão a chegar até mim, desde o fundo do horizonte, os últimos raios de Sol que este dia nos oferecerá.

Desdobro, uma vez mais, o mapa que trouxe comigo. O mesmo mapa que tem falhado completamente na sua missão de substituir o GPS que falta à caravana muito velha que salvei de acabar por ir parar à sucata, há poucos dias atrás.

Não que tenha alguma afinidade por este monte de ferrugem que mal consegue andar sobre os próprios pneus. Mas, naquele momento, era o mais próximo de uma casa que o meu pouco dinheiro conseguia comprar, e acabou por se tornar na minha melhor alternativa a tornar-me sem-abrigo.

Por esse motivo pensei, na altura em que a comprei, que ambas as partes saíam beneficiadas: eu não teria de morar na rua e a caravana não teria um triste fim numa sucata qualquer.

Mas, aparentemente, a caravana teve mais sorte do que eu, porque enquanto relembrava a história de como a vida nos juntou às duas, a gasolina chegou ao fim e não tenho forma de me deslocar até ao posto de gasolina mais próximo, nem sei se me conseguirei desviar do meio da estrada e encostar à berma para não obstruir o trânsito.

Encosto a cara ao volante e deixo descair os braços, demasiado exausta para pensar nalgum tipo de solução para o que acabou de acontecer.

Alguns carros buzina quando passam por mim, mas eu não me dou ao trabalho de levantar a cabeça e encarar os condutores, muito menos de ripostar seja o que for.

Não sei durante quanto tempo fico assim, mas já devem ter passado uns bons minutos, porque os últimos raios de Sol deixaram de se ver e a noite começa agora a envolver o céu no seu tom de azul escuro.

No meio desta constatação, escuto o som de três pancadas no vidro do meu lado esquerdo e viro-me para encarar uma rapariga uns anos mais velha do que eu, com o cabelo pintado de azul e os braços cobertos de tatuagens.

Ela acena-me enquanto abre um sorriso que revela os seus dentes desalinhados e eu vejo-me na obrigação de fazer descer o vidro para que ela me possa dizer o que tem a dizer, apesar de eu já calcular o que será.

– Dizem por aí que não é muito seguro estacionar uma caravana no meio da estrada, sabias? – ela lança esta pergunta antes de eu ter tempo de baixar completamente o vidro, e a forma tão direta com que me interseta, conjugada com o meu cansaço acumulado, a adicionar à minha maneira de ser nada simpática, deveria despertar em mim algum sentimento de frustração.

No entanto, vá-se lá saber porquê, sinto que até seria capaz de simpatizar com ela, sem precisar de recorrer a muito esforço.

– Fiquei sem gasolina – a minha voz sai-me num tom mais monótono do que aquele que eu gostaria de transmitir. – Dizem por aí que normalmente não se consegue andar de caravana se não tiveres gasolina, sabias? – ela mostra-me mais uns quantos dentes muito tortos quando entende que eu acabei de formular uma pergunta muito parecida àquela que ela me dirigiu inicialmente.

– Acho que nós podemos resolver esse problema. – Pergunto-me a

quem ela se refere quando diz “nós”. – Estamos estacionados do outro lado da estrada. – Indica-me a direção com a cabeça e eu viro-me para encontrar, estacionada à beirada da estrada, uma caravana muito mais nova do que a minha, à qual está encostado um homem de cabelo rapado e sobrancelhas exageradamente grossas, que parece estar perto da minha idade.

– Sai daí e vem comigo. – Ela pede.

Eu abro a porta da caravana e dou um salto do assento para o alcatrão da estrada.

Não estão a passar carros por aqui neste momento, por isso atravessamos a estrada calmamente, até chegarmos ao rapaz que continua encostado à caravana.

– Ela ficou sem gasolina – a rapariga que tem o cabelo azul gesticula na minha direção quando lhe dirige a palavra. – Ainda temos que chegue para ela?

– A gasolina não está, propriamente, ao mesmo preço do que a água. Já te disseram isso, certo? – ele parece ignorar o facto de eu estar a escassos centímetros dele e conseguir ouvir perfeitamente as palavras que profere.

– Não sejas forreta! – ela retorque e ele revira os olhos, ainda relutante à ideia. No entanto, desencosta-se da caravana e dirige-se à parte de trás para ir buscar um garrafão de gasolina.

De seguida, vai até ao depósito e eu mantenho-me alguns passos atrás, a observá-lo enquanto abastece a minha caravana com a gasolina que o dinheiro dele comprou.

Sinto que devia retribuir de alguma maneira, por isso tiro uma nota de vinte euros muito amarrotada de dentro do meu bolso das calças, no momento em que ele se vira para mim e diz:

– Enchi apenas um litro e meio de gasolina, mas deve-te permitir chegar

até às bombas de gasolina mais próximas, que ficam a cerca de cinco quilómetros.

Volto a guardar a nota dentro do bolso. Em vez de lhe dar os vinte euros, dou-lhe um “obrigada” acompanhado de um sorriso um tanto forçado, numa tentativa de parecer mais simpática do que na verdade sou.

As palavras “de nada” perpassam-lhe os lábios num sussurro quase inaudível e eu entendo isso como sendo a minha deixa para voltar à caravana e continuar o meu caminho.

Quando já estou a abrir a porta do condutor, viro-me para olhar para a rapariga do cabelo azul e despeço-me dela com um aceno de mão, ao qual ela retribui com um dos seus sorrisos de dentes desalinhados.

– Para onde vais? – pergunta ela, antes de eu entrar para a caravana.

Não respondo de imediato, porque quando iniciei esta viagem não planeei onde iria terminar e tenho andado a adiar essa decisão desde que me lancei à estrada. Acabo por encolher os ombros e responder algo tão banal como:

– Para onde a estrada me levar.

Entro para a caravana, fecho a porta e espreito pelo vidro a tempo de ver os dois fazerem o mesmo. Então arranco enquanto passo os olhos pelo mapa, para que, seguindo as linhas tortuosas que ele marca, não me perca pelos cinco quilómetros que se estendem à minha frente.

O ponteiro da gasolina já está, uma vez mais, perigosamente perto do zero quando começo a ver umas luzes néon que indicam o local de uma área de serviço.

Viro nessa direção e, enquanto abasteço a caravana de gasolina, vem-me à memória o incidente que ocorreu há pouco.

A rapariga do cabelo azul foi bastante simpática por me ter ajudado. O mesmo não se pode dizer dele...

Só então entendo que não nos chegámos a apresentar, e agora sinto uma estranha vontade de saber o nome dela. Aposto que é tão único quanto o seu cabelo.

Interrompo esta linha de pensamento quando acabo de encher o depósito com setenta litros de gasolina que me levam boa parte do dinheiro que ainda tinha comigo. Ao entrar na caravana, volto a pegar no mapa e esforço-me por tentar decifrar os caminhos que aquelas linhas traçam.

Está a ficar cada vez mais tarde e já anoiteceu há cerca de uma hora. Seria ótimo se conseguisse encontrar um parque de caravanas perto desta zona, onde pudesse passar a noite.

Felizmente, ao passar os olhos pelo mapa, consigo ver um símbolo que indica o local de um parque de campismo, não muito longe de onde estou neste momento.

Ligo a caravana e arranco em direção a esse mesmo local.

Não tenho por hábito andar na estrada à noite, mas não acho que a escuridão que se estende à minha volta dificulte em grande escala a chegada ao destino que tenho em mente.

Durante a viagem, dou por mim surpreendida ao perceber que estou a conseguir orientar-me razoavelmente bem sem o GPS. O facto de ainda não ter confundido uma curva à esquerda com uma curva à direita é um progresso que deveria ficar registado.

Viro para uma estrada mais estreita e conduzo alguns metros até começar a ver um amontoado de caravanas, e avanço até à entrada, onde se pode ver um cartaz que informa que a entrada de veículos é permitida apenas até às onze horas da noite.

Olho para o meu relógio de pulso e vejo que ainda tenho cerca de quinze minutos.

Entre o check-in, o pagamento e a procura por estacionamento no

parque, passam mais alguns minutos e uma onda de sono começa a abater-se sobre mim.

Estou a sair da caravana, depois de ter estacionado num dos poucos lugares vagos, quando vejo, do outro lado do parque, uns cabelos azuis que reconheço de imediato.

Ela está de costas para mim, mas deve ter sentido a minha presença atrás dela, porque roda sobre os calcanhares e vira-se na minha direção para me encarar de frente.

O rosto dela transmite uma expressão que eu consigo decifrar através da escuridão da noite como sendo um misto de surpresa e confusão. No entanto, rapidamente esta feição desaparece e dá lugar a um daqueles seus sorrisos desalinhados e imperfeitos, ao qual eu retribuo da mesma forma.

Ela atravessa o parque até chegar a mim e eu disparo a pergunta que me tem ocupado a mente durante grande parte da viagem que me trouxe até aqui:

– Como te chamas?

Ela não parece estranhar a frontalidade da minha pergunta, e calculo que seja pelo facto de a espontaneidade ser parte dela.

– Thalia – ela revela o seu nome e eu não consigo evitar sentir-me um tanto orgulhosa quando entendo que acertei em cheio ao deduzir que ela teria um nome invulgar.

– Miriam – apresento-me também.

– Prazer em conhecer-te – dizemos ao mesmo tempo.

Menção honrosa

Filipa Ribeiro

A VIAGEM

A Praça Luís de Camões, em Lisboa, nunca estivera tão cheia. Era uma noite clara de junho de 2025, e o ar vibrava. As luzes projetavam sobre o pedestal da estátua do poeta uma sombra que parecia ganhar vida, como se o próprio Camões observasse a celebração, realizada para a sua homenagem. Multidões de diferentes nacionalidades, vindas dos quatro cantos do mundo lusófono, aguardavam o início do espetáculo. Eu, Filipa, segurava no velho exemplar de *Os Lusíadas* que herdei do meu avô. Era um volume gasto, de capa dura, com anotações nas margens feitas por mãos que já não estão entre nós. Talvez fosse isso que me chamou à atenção a ideia de que alguém, um dia, também se perdera entre aqueles versos.

Tinha passado anos a fugir de Camões, como quem evita um espelho que mostra mais do que a pele. *Os Lusíadas*, era feito de glórias e mitos que não me pertenciam. Naquela noite, algo diferente preenchia o meu coração, senti um chamamento estranho, como se a voz dele ecoasse dentro de mim. Eu, que nunca fui de navegar, deixei-me levar. O que Camões pensaria se visse Portugal e o mundo 500 anos depois de seu nascimento?

Pouco antes do início do evento, caminho até à base da estátua onde um grupo de estudantes universitários lia poemas do autor. Fecho os olhos enquanto as palavras flutuavam no ar. "Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades...". Uma leve brisa soprou e, de repente, algo inexplicável aconteceu. As luzes da praça piscavam e o som dos aplausos e risos ao redor diminuiu, até que tudo ficou em silêncio. Abri os olhos e vi um homem vestido com roupas do século XVI parado

ao meu lado. Tinha uma barba bem aparada, um olhar profundo e um sorriso enigmático. Não podia ser. Mas era.

- Boa noite, menina. Não me diga que sou eu o motivo de tanta algazarra? — disse o homem, com uma voz que misturava ironia e curiosidade.

- Camões? Luís de Camões? — hesitei.

- Ao que parece. Se não for eu, alguém tem muito para me explicar. — Ele apontou para a estátua acima deles, com uma expressão divertida. Mal conseguia falar. Como explicar a um homem do século XVI que estava no ano de 2025, na celebração dos 500 anos de seu nascimento? Camões, no entanto, parecia mais interessado em observar a multidão ao redor. Ele olhava para os rostos e ouvia pedaços de conversas em português, angolano, cabo-verdiano. Um brilho de reconhecimento passou pelos seus olhos.

- Então, a língua que escrevi sobreviveu a tanto tempo? - perguntou ele.

- Sobreviveu e expandiu-se. A sua obra ajudou a moldá-la. Hoje, o português é falado por milhões de pessoas em vários continentes - expliquei.

Camões sorriu, mas havia uma sombra de melancolia no seu rosto. Ele caminhou pela praça, levando o meu exemplar de "Os Lusíadas" com ele, dizendo:

- Anda Filipa, vamos viajar.

Agarrei-me ao livro como quem segura uma bússola mágica e parti, não para a Índia, como Vasco da Gama, mas para os corredores do tempo onde Camões ainda respira. Fomos até Belém, sentámo-nos junto ao Tejo, entre turistas e gaivotas, e deixei que os cantos me atravessassem como vento nas velas de uma nau antiga.

Comecei a ler o livro e logo no primeiro canto compreendi que Camões

não escreveu apenas a história de um povo, escreveu a fome do infinito que há em todos nós. Cada estrofe era uma estrela no céu da minha inquietação. E quanto mais lia, mais percebia que os monstros e tormentas descritos eram também metáforas dos meus próprios naufrágios.

No início do livro vi lágrimas e aplausos, a população despedia-se dos navegadores. Mas à beira do cais, um homem idoso, de vestes simples e rosto severo, erguia a voz contra o entusiasmo geral, o Velho do Restelo.

Foi no discurso do Velho do Restelo que me detive longamente. Perguntei a Camões, hesitantemente, se o Velho do Restelo era contra os descobrimentos. Ao qual Camões me responde:

- Não, ele era apenas a consciência crítica do próprio povo. Toda epopeia precisa de alguém que a questione.

A sua voz amarga, ecoava como um sino na consciência de todos os que partem em nome da glória. A sua advertência era contra as viagens feitas sem alma, os caminhos tomados por vaidade, as conquistas ocas.

Compreendi que o Velho do Restelo é mais do que personagem, é como uma bússola de ética. É ele que nos pergunta, a cada escolha: Para quê? Por quem? A troco de quê? Entendi, então, que o amor pela terra, pela língua, pelo outro era o verdadeiro destino.

A grande viagem camoniana não era para conquistar territórios, era sim para conquistar consciência.

Camões estendeu a mão e, como por magia, a cena mudou. De repente o céu ficou escuro, os ventos ficaram mais densos e surgiu uma figura colossal, de rosto disforme e olhar tempestuoso. Era Adamastor, o gigante dos mares, surgindo diante dos navegadores. A criatura rugia, lembrando um discurso trágico.

- Camões, o Adamastor não passava de um monstro mitológico correto?

- Filipa, não é só um monstro mitológico. É o medo do que ainda não fomos. É o grito das partes em nós que recusam morrer para que possamos nascer de novo. Quando os portugueses dobraram o Cabo das Tormentas, foi a sombra de Adamastor que enfrentaram. Foi o medo dentro de cada homem que foi enfrentado, foi um triunfo do espírito humano.

Vi-me refletida naquele monstro: no seu tormento de amor e raiva. O Adamastor era o rosto que eu evitava no espelho.

De repente, Camões estalou os dedos e, naquela noite, sonhei que navegava a bordo de uma nau feita de papel e tinta, atravessava mares negros e encontrava ilhas de silêncio. Acordei com a sensação de que algo em mim tinha sido tocado por uma mão antiga.

Camões estendia o braço:

- Eis a Ilha dos Amores, onde os navegadores, depois de tanto sofrer, encontraram descanso. A recompensa das ninfas não era só desejo; era o símbolo da glória, do saber, da harmonia entre o homem e a natureza.

Filipa observava, fascinada, as figuras que se moviam entre as árvores, os heróis portugueses vestidos com trajes de marinheiros e guerreiros, acolhidos por musas que lhes ofereciam frutos, canções e promessas de eternidade.

Foi nesta ilha que Camões e os seus companheiros esqueceram as tormentas, os perigos do Adamastor, a saudade de casa. Por um momento, a alma portuguesa descansou.

- Talvez não seja diferente do meu tempo. Também havia incertezas, perdas e esperanças. Se as minhas palavras ainda ajudam, então cumpri o meu papel.- afirmou Camões.

E num piscar de olhos aquela viagem acabou e estava novamente junto ao Tejo, mas era apenas eu, os turistas e as gaivotas, Camões havia desaparecido, a magia desfez-se.

O som de aplausos chamou-me à atenção e voltei para junto do pedestal de Camões.

No palco, um grupo de artistas começava a declamar versos de “Os Lusíadas”, senti-me estranhamente em paz. Camões não precisava estar presente fisicamente. Ele estava vivo em cada palavra, em cada verso, em cada coração que ali celebrava o seu legado.

A minha tia olhou para mim e, como quem adivinha pensamentos, disse:

- Filipa, a maior viagem é saber quem somos depois do naufrágio.

Nesta frase, vi condensado toda a obra de Camões. Os heróis voltam sempre feridos. Mas é nas cicatrizes que mora o mapa do que valeu a pena.

Hoje, sei que o verdadeiro navegador é aquele que se atreve a desbravar o mar escuro da própria alma, mesmo sabendo que não há regresso igual à partida, pois “todo o mundo é composto de mudança, tomando sempre novas qualidades”.



3.º ESCALÃO

(maiores de 18 anos)





1º lugar

Sónia Veiga Rossa

PONTO DE REBUÇADO

Acontece quando ao deitar um pouco de calda de açúcar num recipiente que contenha água fria, se forma uma bola consistente, mas moldável. Acontece com 0,5 dl de água para 250 g de açúcar. Acontece a 129°C. Acontece que, depois de retirada a água, pode ficar rija como vidro. Ou não. O ponto de rebuçado é como a vida: um ofício de açúcar e água fria. Uma teia de caramelo. Uma eucaristia da pastelaria, numa transubstanciação filosófica.

Não há ponto sem sentido nem sentido sem vida – vida das personagens da vida. Tudo corre. Corre o rio, correm os cavaleiros, corre o sangue, corre o vinho, correm os touros, corre a gente, corre a linha, corre o açúcar, corre a vida – tudo a peso d'ouro, a peso da espada. E de repente, falha. Corta. Fere. Sem rede e tudo para, mas continua a andar, às voltas, como um carrossel em festas em honra de Nossa Senhora da Escudeira.

Era o que a menina Cândida pensava enquanto regressava a casa, feliz, pela última vez do sítio de onde vinha. Viajava na carruagem 23, lugar 37, 1.ª classe – *comme d'habitude* e das gentes, nata da nata palmelense, que por entre compras, viagens e consultas médicas, tinham de ir ali, à grande cidade – e chegava ao seu destino, fim da linha, que nem funâmbulo em corda (aqui de ferro).

A menina Cândida era sobrinha da Dra. Amélia, mulher séria e vertical, atlas da sua imaginação e da própria existência. Vivia a vida a pulso e agora na casa dos cinquenta continuava como sempre fora: tão linda quanto inteligente (e quezilenta). Uma torna-viagem, regressada do Brasil há anos, mais parecidos quinhentos anos (!), atualmente viúva

e sem filhos, andava permanentemente pelo sul do país – litoral, na sua maioria – de cidade em cidade, em Viagem permanente, orgulhosa da sua profissão: professora de latim e grego – ou não fosse o seu ostentador cachucho de curso símbolo do seu cargo e personalidade. Nos últimos anos sediara-se na Escola Secundária de Palmela – AML – e gostava. Fazia furor por onde passava, mas exalava moral e bons costumes; era o sujeito da frase e da vida. Loura, de olho azul e pele alva, deixava de queixo caído quem com ela se cruzava. A sobrinha, uma lufada na sua vida, morava com ela, enquanto aguardava vaga num colégio interno da capital. Andava no 5.º ano do segundo ciclo e adorava ler os clássicos portugueses, à imagem e semelhança da sua tia. Igualmente loura e de olho azul, usava longos cachos pelas costas e um caracol de cabelo colado na testa. Naquele dia, envergava um vestido azul de veludo com colarinhos e punhos de renda, feito pela avó (D. Augusta, irmã da tia) e sapatos de verniz – o que no conjunto faziam jus ao seu nome: Cândida, inocente, angelical. Moravam num prédio amarelo-torrado com oito andares, no 3.º direito, localizado perto do Mercado Municipal. Adoravam fruta vermelha como cerejas, groselhas, romãs, morangos, medronhos, amoras, uvas, alguns figos, mirtilos, framboesas, por vezes, tomate inglês, goiaba e pitanga, mas salvavam-se, porém, outros frutos olvidados, sem preconceito, nem qualquer psicopatologia de eritrofobia (aversão à cor vermelha). Nesta doçura de literatura e de fruteira residente em móvel de sala, após almoço de domingo, viviam as duas, num quase egotismo e esteticismos estéreis.

A viagem era de Palmela a Lisboa – Santa Apolónia e já lá iam meses desde que começaram a fazê-lo, uma vez por semana: Palmela – Santa Apolónia – Palmela. Hoje, era a última viagem que faziam nesses termos e o diapasão de Armando Martins mudava o tom. Hoje, tudo se lhes

parecia belo! A trompa fora uma companhia, um livro, um amigo, um ente presente e a carruagem 23 uma bola de sabão, que as envolvia como algodão doce e as transportava para lá e para cá, para lá e para cá. Repetidamente. Uma vez por semana. Sabiam as estações de cor; sabiam as localidades, vegetação e fauna; sabiam as quintas do vinho Moscatel e lado da janela a sentar para ter a melhor vista sobre o castelo; sabiam onde abrir e fechar a janela; sabiam a entrada de turistas e de locais; sabiam o melhor ponto da venda das fogaças e Santiagos; sabiam quase toda a margem esquerda, já que teimavam em sentar-se à direita por pura superstição. Tratavam o Sol por tu, o nascente e o poente; sabiam tudo ou quase tudo.

Para Cândida, a terra e a viagem era como a obra de Jorge Salgueiro – a sinfonia n.º 1 “A Voz dos Deuses” e a n.º 2 “Mare Nostrum”, as óperas “O Achamento do Brasil” e “Pino do Verão”, a cantata “O Conquistador”, a “Abertura para Gil”, a fábula sinfónica “A Quinta da Amizade” e o “Requiem pela Humanidade” – que ouvira de cor da sua tia a trautear, nos dias bons (e maus).

A menina Cândida sabia que a tia estivera doente e as várias viagens de comboio à terra da luz de Portugal eram o reflexo disso. Cercada pela moléstia e ladeada por castelos e vinhas, de olhos muito abertos e doce na boca, a menina flutuava na sua alegria, vinda, pela última vez do Hospital, em áureas linhas de entardecer. À dianteira, a Dra. Amélia, solene e monumental, de tez e espírito saídos do abismo em que se encontrava.

A menina Cândida não sabia bem que doença era. Lembrava o nome do lugar onde ficara sentada horas a fio, enquanto a sua tia desaparecia e regressava por entre chamadas eletrónicas e números de senha em ecrãs de parede: Área da Mulher, era a sala de espera. A sala de espera prometia... um sacrário de possibilidades. Uma cuba. Um

portal. O edifício era conhecido como o Hospital da fina-flor científica, vanguarda no combate àquela doença. Por entre público e privado, ali a saúde era a batuta da orquestra, numa aguerrida batalha pelo bem-estar.

Sem saber bem ao que ia, percebia que nem tia nem sobrinha se questionaram. Aceitaram. E isso descansava-a. Via-se, lá atrás, debaixo da tia, de matiz rosada e de salto ágil, perna elegante, gosto no vestir, agarrada pela mão, apressada, a caminho (ou a fugir) do seu destino. Deixavam um rasto a rebuçado e a esperança. Desse aroma, a menina lembrava-se agora e sempre. Juntava esse odor ao cheiro a comboio que continuava a entranhar-se em si: um cheiro único, mas pródigo em recordações. E a sua caderneta de cheiros aumentava.

Agora, de regresso a casa - pouca-terra, pouca-terrrrraaaa... - , vislumbrava os primeiros tempos da sua chegada ao Hospital, de mão dada com a tia, a qual andava sempre tão unida ao seu tormento que era ela mesmo o seu perigo. Contudo, reconhecia-a confiante e tiritante, sem poder atalhar. A Dra. Amélia chegava ao sítio (in)desejado: a sala de tratamentos. Ela que nunca cumpriu o que os médicos apregoavam e prescreviam, jurava para si mesma que desta vez ia ser diferente. E foi.

Lembrava nitidamente a chegada. Lembrava o consultório. Lembrava a assistente do médico. Coberta por uma névoa, Cândida recordava o enrijecer da tia, sempre que vinham a mais uma consulta decisiva, após uma série de tratamentos e análises. Àquela visão somava-se uma pose *Frappé*, tétrica, de uma e depois de outra, que, aparentemente, as puxavam a ferros do tal egotismo e esteticismos infecundas, estatelando-as no chão e alertando-as para a vida: dever de ser e fazer feliz.

Agora, as leituras e sabores eram outros e o doce amargou. A fruta apresentava-se como farpas de pimpinela selvagem, em mercado

de terras de outros vinhos generosos. Nestes dias, e ao contrário da sobrinha, a Dra. Amélia atirava o mínimo de palavras, estilo *glacé*, mostrando-se maniqueísta e transpirava apenas os exames médicos que levava consigo.

Tia e sobrinha estavam ali, em modo de *bonsai*, a tentar concentrar-se nas palavras distantes que assomavam como sombras chinesas aos seus pensamentos. Aguardaram os próximos resultados, vivendo num tempo do enquanto, achando energia nas palavras do Poeta: A tristeza no coração é como a traça no pano, e queriam-se alegres, querendo ver água onde há pedra, doce onde sabia a amargo e mais exames, mais ressonâncias, mais análises, numa roda-viva de entrar e mexer até na sua alma - tudo no Hospital, no fio da navalha, matutava, ao longo da margem direita da linha férrea. Chegou uma hora que as duas não aguentaram mais e... riram a bom rir! Urra a Camões!

Escrito como charrua a lavrar em solo de pedras, recorda a frase "Há que operar." E nem o chá de São Roberto ou tisana de folha de hortelã douraram a pílula e a sua tia.

Nesse tempo, o tempo propriamente dito cria vida própria.

As estatísticas da doença dão esperança e a Viagem prossegue. Tudo anda. Já não corre. Anda o rio, os cavaleiros, o sangue, o vinho, os touros, a gente, a linha, o açúcar, anda a vida – tudo a peso d'ouro, a peso da espada de cada um.

A menina Cândida vai, clandestina de e para um certo nível do contado. De um dia para o outro, a Dra. Amélia fora operada.

Cândida renascia ao ver renascida, no quarto do Hospital, a sua tia. Inicialmente imóvel, fraca, promissora, pálida, sem poder sentir-se totalmente, e, no entanto, a sorrir! Sob relógios de quarenta e oito horas, tudo parece diferente, em perspetiva, como um *fast-forward* dos dias, vistos pelo corre-corre das nuvens. Não sabe se alcançou o

graal. Sabe com bonomia e sem polemismo, continua orgulhosamente a existir, em ascese depois da queda, nesta epopeia, galvanizando a segunda narrativa de ser-se. Permeada de luz, *glitter*, aproximando-se do (seu) sublime, com sons de trompa e sorvete de frutos vermelhos, viaja num labirinto de espelhos, vendo-se e revendo-se uma e outra vez, agora já de regresso a casa, na carruagem 23, no comboio da linha de comboio. Em Viagem.

Presentemente, a menina continua a insinuar imagens e metáforas, fantasias como manto da nua realidade, delírios, emoções e mundanidades neorrealistas ou estranhamente surrealistas, e ousa conquistar o seu lugar de conto com existência própria, independente e suficiente como um corpo. São. Sã. Efémera. Como músicas surdas, benzidas, atentas, coradas, exaltadas, gratas, mostra-se nestas páginas d'ouro púrpura como a bandeira, como arte literária ou diário de temas malditos. Os seus "Lusíadas".

É dia 10 de junho – um bom dia para recomeçar, pensa a menina princesa que, a andar, prepara a corrida. Um prenúncio do início, de trás para a frente e de frente para trás. Pó levantado. Haja fé, que o resto é de palavras. No papel. Respeito. Jeito.

O ponto de rebuçado é como a vida: um ofício de açúcar e água fria. Resta viver, já que as Viagens esforçam-se por acontecer; e acontecem, há muito mais que cinquenta ou quinhentos anos. Com paragens nos sinais vermelhos da Capital.

2.º lugar

Vanessa Sardinha

DEPOIS DAQUELA VIAGEM

Chamo-me Joana e tenho 38 anos. A história que vos vou contar relata a mais louca viagem que fiz na ‘vida’. Não é digna de postal ou fotografias para o *Instagram*. Não. Tão pouco é uma viagem interior ou com informação histórica. Não. Esta viagem é minha. A mais pessoal de todas. A mais louca e vitoriosa. Esta é a viagem que fiz no dia em que morri...

Sempre gostei de receber amigos em casa. Quando fui viver sozinha tornou-se quase uma tradição organizar jantares aos fins de semana. Luís, Patrícia, Paula e Manel. Os *fantastic four* da minha vida desde os tempos da faculdade. Sempre gostámos de viajar juntos, do Tibete às Caraíbas, posso dizer que já viajei bastante com estes companheiros - Então, onde é que vamos este ano?, perguntou o Luís, o mais velho do grupo e talvez também o mais alucinado.

- Luís, este ano não me posso esticar. Tenho um casamento para pagar como sabes, explicou a Patrícia. A sonhadora inveterada do grupo que sonha acordada com o seu casamento na praia com o namorado que trata as infidelidades por tu, aos olhos de todos menos aos dela.

- Ninguém te manda andar a fazer *liftings* faciais! Se o betinho do Jorge te ama, vai amar também as tuas rugas e cicatrizes! Por mim nem casavas! Luís, o eterno apaixonado pela Patrícia desde os tempos da faculdade. Por achar que nunca teria hipóteses com ela, decidi enterrar aquele amor num sítio em que ninguém pudesse lá chegar. Aparenta ter uma armadura de ferro, mas chora no meu colo sempre que vê uma fotografia da Patrícia com o seu amado Jorge. "O que é que me falta Joana, diz-me?".

- Bom, por mim desde que haja vinho e comida boa, está tudo bem! E

se fizéssemos um roteiro pelas adegas todas do país? Manel, o mais festivo dos quatro. Com dois copos de vinho era capaz de cantar um fado à própria da Amália Rodrigues, se fosse viva. Cresceu numa aldeia remota para os lados do Alentejo e veio para Lisboa tirar o curso de Agronomia. Depois de nos conhecer, decidiu que já não fazia sentido voltar para a terra e fixou-se em Oeiras, onde vive com uma tartaruga com cerca de 20 anos. "Nunca me digam que não tenho jeito para as mulheres! A Clotilde atura-me há cinco anos e nunca se queixou!".

- Meus queridos, encontrei aqui numa aplicação de viagens um destino que ainda não fomos e que não está nada caro! O que acham de irmos até às Filipinas?

- Filipinas, Joana? Isso é do outro lado do mundo! Quase que ia para lá em Lua de Mel...

- Não ias nada que o teu noivo tem medo de bichos...

- Luís, pára! Vá, alinham ou não? Duas semanas antes de a Patrícia meter a corda ao pescoço!

- Epá, mas lá não há vinho...

- Não sejas chato, Manel! Há outras coisas boas! Paula?

- Por mim já lá devíamos estar!

E fomos. Pegámos nas mochilas e partimos numa aventura que tinha tudo para ser paradisíaca.

- Paula, não te esqueças de levar cuecas! Olha que ali não podes ir a uma loja dos chineses para desenrascar!

- És tão inconveniente Manel. Por isso é que ninguém te pega!

- Ei! Crianças! Então? Tenho que vos deixar em terra, é?

- Foi ele que começou Joana!

Cinco horas depois e já todos dormiam, menos eu. A ansiedade não me largava e, apesar de adorar viajar, sempre tive algum receio de voar. Nunca lhes contei, não queria ser a careta do grupo nem que deixássemos de fazer planos por minha causa. Mas a verdade é que esta viagem estava a custar-me mais do que o normal. Não sei se

teria a ver com a turbulência, com o facto de estarem todos a dormir ou simplesmente porque fui eu que sugeri viajar para o outro lado do mundo! Devo ter bebido mais do que o Manel, de certeza. Sóbria não iria tomar uma decisão tão estúpida.

- Joana, estás bem? Pareces pálida...
- Estou bem Paulinha, não te preocupes. Estou só um bocadinho enjoada por causa da turbulência.
- Vê lá, queres que chame a Assistente de Bordo?
- Não é preciso, a sério. Estou ótima.

Mas não estava. Sentia o coração na boca e suores frios desde a nuca até à espinha. O relógio marcava 140 batimentos por segundo. Tentei fazer o que me disse a psicóloga, inspirar pelo nariz, expirar pela boca. 1, 2, 3...

Não me lembro de mais nada. Uma escuridão completa à minha frente. Estarei morta? Mas não era suposto sentir uma paz celestial, encontrar uma luz branca ao fundo do túnel...? Não era? Devia ter ouvido a minha mãe e continuado a ir à catequese, se calhar faltei à aula em que falavam do pós-morte. Bela embrulhada Joana...

Eu a pensar que quando morresse ia para o céu, conhecer os famosos todos, quiçá encontrar o Michael Jackson, o Papa João Paulo II, o Freddie Mercury... Mas não, nada. Uma imensidão de nada à minha frente que já me está a aborrecer a sério! Ai meu Deus, será que fui para o Inferno e por isso é que está tudo escuro? Mas também não fiz nada assim de TÃO horrível para vir cá para baixo, pois não? Deixa-me cá ver: faltei a alguns jantares do pessoal dizendo que estava doente quando na verdade só queria era ficar na cama a ver Netflix e a empanurrar-me de gelado; rompi o noivado com o Pedro a dois meses do casamento, (desculpa, Pedro!); roubei gomas e chocolates da mercearia do bairro (em minha defesa, tinha apenas dez anos). O que mais? Oh meu Deus, já sei! Foi por ter faltado ao casamento do meu pai com aquela oportunista? Perdão, Senhor, não disse por mal,

mas a verdade é que era mesmo uma oportunista!

Espera lá, vejo ali um botão. Vou carregar! Ou ia, se ele não estivesse sempre a fugir! Querem lá ver que nem depois de morta posso descansar as pernas e parar com o exercício físico? Ah bom, já não estou sozinha! Está ali um rapaz com olhos de carneiro mal morto a olhar para cima. Cima? Aí Deus, será que estou mesmo no Inferno?? Mas não era suposto isto ser quentinho? Ainda não vi nenhum chifrudo, pode ser um sinal positivo. Por outro lado, também já não vejo o rapaz, mas parece que há mais luz! Acendeste alguma coisa rapazito? Bom, vou aproveitar esta luz ténue para explorar. Consigo ver ali ao longe... "Eiii! não te vás embora! Estamos aqui fechados os dois. Estás a ouvir?". De repente deixei de o ver e comecei a ouvir lá ao fundo alguém a chamar por mim: Joana, JOANA!

-Luís, podes parar de me gritar? À cabeceira da minha cama, os meus amigos choravam copiosamente e eu completamente a leste sem saber o que tinha acontecido. Aparentemente já não estava no avião. Estava antes numa cama de hospital sob intensas luzes brancas, aparelhos a piscar e um cheiro a éter que me estava a deixar mais enjoada do que quando andei na montanha russa com 18 anos.

- O que é que aconteceu?

- Não te lembras de nada, querida?

- Zero Patrícia, nada de nada. O que é que se passou?

- Bem, finaste-te! Foi o que foi!

- Cala-te Manel, és mesmo insensível pá!

- Deixa-o estar Paulinha. Já tenho saudades das parvoíces deste 'agro beto!' . Contem-me lá o que é que aconteceu. E vocês os dois parem de chorar!

- Não sejas assim para o Luís que ele salvou-te a vida...

- Como assim?

- Bem, a Paula percebeu que não estavas bem e foi ter comigo ao lugar. Quando lá chegámos já estavas inanimada. Estava um arsenal de

gente em cima de ti: passageiros, Assistente de Bordo, Copiloto, tudo! Desconfio que mais um bocado e até o Piloto lá ia!

- Credo, perdi essa emoção toda?? E depois?

- Depois eu afastei toda a gente e apliquei-te as manobras de reanimação. Finalmente o curso que fiz teve alguma utilidade. Adiante, ainda estiveste 19 minutos inanimada, depois foste recuperando aos poucos e aqui estamos nós.

- Onde? Onde é que estamos??

- Nas Filipinas mulher, onde querias que fosse? O Luís conseguiu estabilizar-te até chegamos aqui. Tiveste muita sorte, estávamos a dez minutos de aterrar.

- Dez? Vocês estão a alucinar! Tínhamos acabado de levantar voo do Dubai!

- Parece-te! Tu fizeste foi uma viagem até ao outro lado e nem pagaste bilhete para isso! Espero que te lembres de tudo para nos contares!

- Estraguei-vos as férias, desculpem. Ainda por cima eram as últimas antes do casamento da nossa menina...

- Joana, a propósito disso, já não há casamento. Eu e o Luís estamos juntos. Este parvalhão decidiu finalmente declarar-se!

- Estou tão feliz por vocês! Mas foi preciso eu morrer para isso? Agora no mínimo sou a menina das alianças!

- Não és nada, vais ser a nossa madrinha...

Os médicos não conseguem, até hoje, explicar muito bem o que é que me aconteceu. Ou melhor, como foi que voltei depois de tanto tempo morta e sem nenhuma mazela visível. Talvez tenha sido aquele rapazinho que me levou um pouco de luz no meio daquela escuridão, que achou que ainda não estava na minha hora e decidiu correr comigo cá para baixo. Talvez fosse até um anjo, não sei. Talvez um dia compreenda ou lhe pergunte pessoalmente. Por agora vou ajudar a organizar o casamento dos meus amigos, vou comer mais chocolate sem medo de engordar, vou fazer uma viagem sozinha e conhecer

todos os sítios que ainda tenho na lista tendo, porém, a certeza de que, depois daquela viagem, nunca mais serei a mesma...



3.º lugar

Henrique Paranhos

EM TRÂNSITO

A estação estava quase vazia. Um banco metálico coberto de ferrugem, um relógio que marcava sempre a mesma hora e uma máquina de bilhetes fora de serviço compunham a paisagem. Havia uma pomba no beiral, mas nem ela parecia disposta a sair do lugar. A luz era baixa, indecisa — como se o tempo tivesse parado antes de anoitecer. O vento soprava através das grades, carregando cheiro de óleo e chuva. Sentei-me à espera, embora não soubesse ao certo se estava atrasado ou adiantado.

O comboio chegou sem barulho, sem anúncio, sem gente à janela. Abriu as portas com um suspiro mecânico. Entrei.

O vagão era antigo. Madeira escurecida, bancos gastos com o vinil a descoser. Havia gente, mas pouca. Uma mulher com um lenço no cabelo lia um livro de capa verde. Um homem dormia com o queixo colado ao peito. Uma criança passava de um banco ao outro sem nunca sorrir. Ninguém olhava para ninguém. Escolhi um lugar junto à janela, mas lá fora via-se apenas o reflexo de dentro. E o meu rosto, mais pálido do que lembrava.

Não sabia bem para onde ia. O bilhete dizia apenas “Linha N”, sem hora nem destino. Tinha a mala aos pés, leve demais para uma viagem tão longa. Levara apenas uma muda de roupa, uma fotografia dobrada e um caderno quase vazio. Não me lembro de os ter preparado. Talvez alguém o tenha feito por mim. A única certeza era o movimento — e esse não parecia ter princípio nem fim.

O comboio arrancou com um solavanco. Esperei ver a cidade a desaparecer, mas só havia escuridão. Uma escuridão espessa, sem horizonte. Às vezes surgiam árvores, fugidias como sombras. Outras vezes, postes sem fios ou campos apagados. O som das rodas nos carris tornava-se o único compasso constante. E o tempo, esse, evaporava-se. Podiam ser minutos ou anos.

A mulher do lenço sentou-se à minha frente sem aviso. Tinha os olhos muito claros e os dedos manchados de tinta. Sorriu com a delicadeza de quem já esteve ali muitas vezes.

— Longa, a viagem? — perguntou.

Assenti.

— É sempre mais longa para quem traz o que ainda pesa — disse, como se me conhecesse.

— A minha mala está quase vazia.

Ela inclinou a cabeça.

— Nem toda a bagagem se vê.

Permanecemos em silêncio durante algum tempo. O livro que ela lia estava marcado a meio com um bilhete de elétrico amarelo, desbotado.

— Já leu esse livro?

— Várias vezes — respondeu. — Mas nunca o mesmo.

— E sabe o final?

— Só quando chego lá.

Antes de se levantar, olhou-me com alguma ternura.

— Há estações que se repetem até sabermos porquê.

Voltou para o seu lugar, como se tivesse dito tudo.

A luz do vagão oscilava. Por vezes, tudo ficava escuro durante segundos. Quando voltava, o homem que dormia parecia ter mudado

de posição, embora o sono fosse o mesmo. A criança desaparecera sem barulho. Tentei lembrar-me de onde viera, mas a memória dissolvia-se ao ser tocada. Como névoa.

Passámos por uma estação. A placa dizia "Ermo". Mais adiante, outra: "Ausência". Depois, "Ermo" de novo. A seguir: "Remorso". O comboio dava voltas ou o mundo é que era pequeno. A janela mostrava os mesmos silos, as mesmas árvores inclinadas, as mesmas pedras no balastro. Nada avançava, tudo rodava.

Levantei-me e caminhei pelo corredor. Entre as carruagens, o chão tremia. O túnel lá fora parecia interminável, uma ferida escura no mundo. Pensei em saltar, mas não havia pressa. Nem medo. Apenas a suspeita de que, mesmo se saltasse, continuaria dentro do mesmo comboio.

Regressei ao lugar. A mulher do lenço já não estava. No banco dela, uma folha em branco dobrada ao meio. Guardei-a no bolso. Talvez tivesse algo escrito, mas ainda não estivesse na altura de ler. O silêncio tornava-se pesado, como se esperasse que eu dissesse algo que ainda não sabia como dizer.

Abri o caderno. As folhas estavam vazias. Escrevi "se". Depois, "ainda". Mas as palavras pareciam insuficientes, inúteis, como pontes que terminam no ar. A ponta do lápis tremia. Tentei recordar com mais nitidez.

Uma curva. O som de travões. A chuva grossa no vidro. Um nome gritado tarde demais. O mundo a virar-se. O banco ao lado vazio. O silêncio depois do impacto. A imagem de um postal rasgado, molhado no asfalto. E depois, o nevoeiro. Sempre o nevoeiro.

Fechei o caderno. Olhei em volta. O comboio estava mais vazio. Ou talvez apenas mais escuro. As luzes piscavam com menos convicção.

A mulher do lenço surgiu no fim do vagão, imóvel.

— Agora sabes — disse.

Assenti.

— E isso muda alguma coisa?

— Muda o suficiente.

O comboio começou a abrandar. Pela primeira vez, vi luz verdadeira fora da janela. Um campo aberto, árvores distantes, um céu limpo de nuvens. A porta deslizou com um ruído macio. Levantei-me. A mala, vazia, parecia finalmente ter peso. Ou significado.

Desci. O ar cheirava a terra molhada, a coisa viva. As minhas pernas estavam firmes. Atrás de mim, o comboio permanecia imóvel. Alguns continuavam a olhar pela janela. Outros dormiam. A mulher já não estava à vista.

Caminhei. À minha frente, o trilho era de pedra batida. Não havia placas. Nem pressa.

O mundo voltou a ter fim. E começo.

QUINHENTOS ANOS DO NASCIMENTO DE LUÍS DE CAMÕES



REDE DE BIBLIOTECAS
PÚBLICAS DO MUNICÍPIO
DE PALMELA

Município
Palmela

PARCEIROS
UNIÃO DE FREGUESIAS
DE POCEIRA E MARATECA



comunidades em ação
iniciativas integradas municipais

Município
Palmela

Ass.
m.
Ass.
Associação
de
trabalho

